



SERMAO  
DE  
NOSSA SENHORA  
DAS  
MARAVILHAS,

*PREGADO NA SE' DA BAHIA  
no anno de 1660, na occasiã do defacato, que se fez  
à mesma Senhora, e à seu amado Filho,*

PELO PADRE  
ANTONIO DE SÁ  
DA COMPANHIA DE JESUS,  
Prégador da Capella Real.  
SEGUNDA IMPRESSAÕ.

*Offerecido*

A O SENHOR  
PEDRO NORBERTO  
DE AUCOURT E PADILHA,  
CAVALLEIRO PROFESSO NA ORDEM DE CHRISTO,  
Fidalgo da Casa de Sua Magestade, &c.

POR  
FRANCISCO LUIZ AMENO.

LISBOA,

Na Regia Officina SYLVIANA, e da Academia Real.

---

M. DCC. XLIV.

*Com todas as licenças necessarias.*

SERMO

NOSSA SENHORA

DE A. V. L. H. A. S.

PRELUDO DE D. R. A. R. I. A. S.



6.603

1962

A O S E N H O R  
PEDRO NORBERTO  
DE AUCOURT E PADILHA,  
CAVALLEIRO PROFESSO NA ORDEM DE CHRISTO,  
Fidalgo da Casa de Sua Magestade, &c.

**O**FFEREC, O a v. m. neste  
Sermaõ de Nossa Senhora das Maravilhas  
buma maravilha da arte Concionatoria, pré-  
gado

gado por outra maravilha do Pulpito, que occupou de admiração o Seculo passado. Já v. m. sabe, que fallo do Padre Antonio de Sá, da Religiosissima Companhia de JESUS, Varaõ em tudo raro, ou se attenda aos profundos estudos, com que se joube fazer grande entre os mayores da sua sagrada Religião, ou às muitas virtudes com que se fez hum dos mais benemeritos filhos de tão virtuosissima mãy; entre as quaes não teve o segundo lugar a constancia, com que superior às commuas tempestades da Corte, que humas vezes agita a lizonja, outras a emulação, foy illustrar com rayos novos de sciencia ao Novo Mundo, escolhendo os pulpitos da America, senão mais dignos, mais seguros para a singular esféra do seu talento. Brillhou este muy particularmente neste Sermaõ, prégado na Sé Metropolitana da Bahia, na occasião, em que hum sacrilego, infamia perpetua dos mortaes, fez em pedaços a santiissima Imagem do Redemptor, que sustentava em seus braços a Virgem

gem Purissima, a quem igualmente offendeo com acção tão sacrilega, como identica, attendendo-se, a que são inseparaveis da Mãe os desacatos ao Filho.

Determinando eu dar segunda vez ao prelo esta estimavel Obra, porque logo ao principio se fez neste Reyno não só rara, mas quasi invisivel, não podia deixar de escolher para Mecenas della a authorizada pessoa de v. m. porque nella muy distinctamente concorrem muitas daquellas circumstancias, que se devem buscar em hum adequadro protector.

A nobreza da pessoa, já que o Mundo com razão lhe tributa tão obsequiosos incensos, he o muro mais firme contra a ignorante, e continua bataria das innumeraveis tropas, verdadeiramente bisouhas, dos Momos, e Aristarcos; e como na pessoa de v. m. conhecem todos esta estimavel prerogativa, justamente se dirige a minha penna, e com ella os meus passos, a buscar o seu recomendavel patrocínio; certo na esperança, de

A

que

que o nome de v. m. augmentará a veneração a esta Obra.

Nasceo v. m. de huns ascendentes tão qualificados, ou se attenda à nobreza do sangue, ou à dos merecimentos, que excedendo o gráo de pessoa honrada, sóbe ao de illustre; pois generosamente lhe circulla nas veyas o antigo, e illustre sangue dos Padilhas, Mirandas de Salamanca, Cirnes, Aucourt, e Abra de Raconis; Familias tão distinctas, que discorrem nellas as pennas dos mais exactos Genealogicos de Portugal, França, e Hespanha sem confusão, e sem lizonja.

Do antigo, e illustre appellido de Padilha nos referem todos os Nobiliarios de Hespanha ser de huma antiguidade tal, que quasi veyo ao Mundo com o nascimento daquella Monarchia. Naturalmente quizera agora voar a penna formando hum determinado elogio a esta Familia; porém affectando brevidade, para melhor elogiar a rara virtude da modestia, com que v. m. se sabe  
melhor

melhor ennobrecer, direy, que serve de alto esplendor a este veneravel appellido a producção de duas Rainhas, muitos Meſtres, e Commendadores môres das Ordens Militares de Alcantara, e Calatrava, hum grande numero de Adiantados, Juſtiças môres, Guardas môres, Balleſteiros môres, e outras Dignidades politicas, e militares, como nos daõ a ler os Eſcritores de Heſpanha, e ſabem aquelles, que daõ ſeguros paſſos pelo eſcabrozo caminho da Genealogia. Se nas Hiftorias vivem perpetuamente recommendados os feitos illuſtres deſta Familia, tambem em muitas Fundaçõens ſe lê em mais perduravel Hiftoria a ſua piedoſa grandeza; como ſão as de S. Miguel de Villa mayor, S. Felix de Anaya, a da Aſſumpção de Almagro da Ordem de Calatrava, e a da Piedade da Torre de Ximeno da Ordem de S. Domingos.

Do illuſtriſſimo ſangue deſte antigo appellido, que generoſamente rega a primeira flor da Nobreza de Heſpanha, deſcen-



de v. m. por Christovão Fernandes de Padilha, seu quarto avô, o qual com seus irmãos Bartholomeu Fernandes de Padilha, e Bento Fernandes Soeiro, passou a Portugal no Reinado do Senhor Rey D. João III. aonde por indubitaveis documentos provou ser legitimo descendente deste appellido perante o Doutor Christovão Esteves Esparragosa do Conselho del-Rey, e seu Desembargador do Paço; por cuja justificação mereceo o foro de Escudeiro Fidalgo da Casa Real, e o braço das armas dos Padilhas passado em Lisboa a 30 de Abril de 1530, cujas honras, e escrituras são os documentos mais evidentes, com que se póde provar huma nobre ascendencia.

Estabelecido em Portugal este Cavalheiro Christovão Fernandes de Padilha, casou com Dona Anna de Miranda, filha de Pedro de Miranda, Commendador da Ordem de Santiago, e Trinchante da Rainha Dona Catharina, illustre descendente dos Mirandas de Salamanca, e desta sagrada uniaõ  
nasceo

nasceo entre outros filhos Sebastião Fernan-  
des de Padilha, Escudeiro Fidalgo da Casa  
Real, que cazou com Dona Filippa Ozorio  
Henriques, filha de Belchior Ozorio, e de  
Dona Antonia Henriques, de cujo sagrado  
vinculo nasceo Luiz de Padilha e Miran-  
da, Escudeiro Fidalgo da Casa de El Rey,  
e Cavalleiro na Ordem de Christo, que cazou  
com Dona Barbara de Padilha, sua parenta,  
filha de Lazaro de Padilha, e de Dona Ma-  
ria Ribeiro Salazar; de cujo matrimonio  
nasceo entre outros filhos o Senhor Francisco  
de Padilha e Miranda, que gozou o mesmo  
foro de seus avós, e foy Cavalleiro na Ordem  
de Christo, o qual cazou com a Senhora Do-  
na Catharina Cirne da Sylva, filha de João  
Cirne da Sylva, filho de Manoel Cirne da  
Sylva, Senhor de Agrella, e Commendador de  
S. Miguel de Arcuzello da Ordem de Chris-  
to, Família tão qualificada como antiga, se-  
gundo nos daõ a ler sem piedosa lizonja os  
Nobiliarios mais exactos. Desta feliz  
uniaõ foy digno fructo o Senhor Fructuozo de  
Padilha

*Padiua de Salazar, Fidalgo da Casa de El Rey, o qual tomando estado cazou com a Senhora Dona Angela de Aucourt, Dama Franceza, e Criada da Senhora Princeza Dona Isabel sem distincão de foro, a qual era filha do Senhor Philippe Manoel Qualter de Aucourt; Commissario geral das Galês de França, e da Senhora Dona Angela d' Abra de Raconis, Dama de Honor da Senhora Dona Maria Francisca Isabel de Saboya, Duqueza de Nemurs, e depois Rainha de Portugal, Famílias illustriissimas, esta do Piamonte, e aquella do Castello de Aucourt, situado no Paiz de Bricque, que he huma grande parte da Provincia de Champanhe, como leyo nas Memorias Genealogicas daquelles Reinos. Deste sagrado vinculo entre outros filhos nasceo v. m. não tanto para herdeiro da Casa, que das prerogativas, e virtudes de seus mayores.*

*Illustrando-se v. m. tanto com tão qualificados ascendentes, ainda se ennobrece mais com os merecimentos, com que elles fizeraõ  
amadas*

amadas dos Principes as suas pessoas, e recommendadas da fama as suas acçoens. Esta nobre, e virtuosa vaidade justamente occupa o coração de v. m. considerando, que os merecimentos são substancia, a nobreza he accidente; que esta ( filosoficamente fallando ) não faz aos homens entre si diferentes, e que só aquelles são os que verdadeiramente sabem fazer a estes distinctos; e que o nascimento illustre, senão he animado de virtudes proprias, he hum esqueleto, que em lugar de horror costuma conciliar menos attenção.

Bem dezejara eu, revolvendo as Historias de Portugal, França, e Saboya, provar o que digo com hum digno Panegyrico ás illustres Familias, que adornaõ o tronco da ascendencia de v. m. porém nem o breve campo de huma Dedicatoria he proporcionado Theatrõ para hum assumpto, que peidia huma determinada Historia, nem a minha penna se ennobrece com aquelles requisitos, que a podiaõ habilitar, para escrever hum  
taõ

taõ glorioso elogio; quanto mais, que receyo, obsequiando a verdade, offender a modestia, que em v. m. reconheço, como virtude em que mais se distingue.

Se estas prudentes considerações me não impedissem o voo, dilatado campo me abririaõ para discorrer as illustres Familias de Cirne, Aucourt, e a Abra de Raconis; e quando tratasse deste ultimo Appellido, que tempo não occuparia eu discorrendo nas virtudes da Senhora Dona Angela d'Abra de Raconis, avó de v. m. Matrona, que conservou espiritos varonis em habito alheyo? Traria à memoria a sua grande prudencia tantas vezes experimentada, e o seu consummado juizo, do qual deixou huma fidelissima copia na Vida, que escreveo na lingua Italiana, da Senhora Dona Maria Francisca Isabel de Saboya, Duqueza de Nemurs, e depois Rainha destes Reynos, e na Novela de Dona Urtança, cujos livros conserva v. m. na sua Livraria, e conservará tambem na sua memoria. Po-  
rém

rém ainda quando a minha penna se reconhecesse com forças para tentar este voo, sempre involveria em hum respeitozo silencio as grandes virtudes desta Matrona; porque dellas foy augusta Panegyrista a Magestade da mesma Rainha, a quem servio, escrevendo-lhe por sua Real mão hum grande numero de Cartas cheyas de honrozas, e muy particulares expressoens, nas quaes, para que tivesse excepção hum trivial proverbio, se uniaõ a Magestade., e o amor, como v. m. não ignora, pois sey, que para raro desvanecimento da sua posteridade as conserva todas, como igualmente outras de diversos Principes, entre as tuas causa huma particular jaçtancia as que escreveo da sua Real mão a Senhora Princeza Dona Isabel para a Senhora Dona Angela de Aucourt, mãy de v. m.

Sendo, como com tanta brevidade tenho referido o primeiro morgado, que deixarão à sua descendencia os benemeritos antepassados de v. m. o empregarem as

suas vidas no serviço publico da patria ,  
e dos Principes , não podia v. m. deixar  
de buscar todos os meynos para lhes seguir  
os passos ; por isso determinou fazer hum  
gyro pelas Cortes da Europa , lembrado de  
que a observação dos diversos costumes ,  
e genios das Naçoens estrangeiras conduz  
muito para hum Cavalhero se fazer bene-  
merito no serviço da Patria , e nella mais  
conhecido , à maneira dos rios , que se não  
peregrinão por estranhas regioens , não al-  
cançãõ o nome de grandes. Nesta deter-  
minação passou v. m. à Corte de Pariz ,  
assim porque he o mayor theatro , em que  
os bomens representaõ o elevado caracter de  
todas as sciencias , e virtudes , como por-  
que o illustre sangue de Aucourt , que lhe  
corria nas veias , o podia fazer parecer  
nacional. Não pouco tempo se dilatou  
v. m. nesta Corte , recebendo nella muy  
distinctas estimaçoens , assim dos Principes ,  
como de toda a Nobreza ; circumstancia ,  
que não he ponderavel , sendo o caracter  
daquella

daquella Corte a urbanidade para todos, e muy principalmente para aquelles, que como v. m. tem tão particulares requisitos.

Das demonstraçoens de estimação foram os Principes, e Nobreza de Hespanha emulos dos de França; porque igualmente concorria para ellas o illustre sangue de Padilha, que ennobrece tantas cazas de Grandes daquella Monarchia.

Cheyo de tanta estimação, como de instruçoens, voltou v. m. para o Reino, trazendo por virtude destas como substancia, aquella nobreza, que levou como accidente; e sendo-lhe preciso tomar estado para continuar a successão da sua Caza; achou na Senhora Dona Dorothea Violante da Sylva e Seixas todos os requisitos para huma dignissima consorte; porque alem dos muitos dotes, e predicados, com que a natureza adornou a esta Senhora, concorre nella o principal, que he o da nobreza; pois he filha do Senhor Luiz Paulino da Sylva e Azevedo, Escrivão



da Camera de Sua Magestade na Meza  
do Desembargo do Paço, e da Senhora  
Dona Maria Michaela Joaquina de Sei-  
xas; Familias tão qualificadas, que bastará  
dizer, que huma he ramo do antiquissimo  
tronco dos Sylvas, que de geração em gera-  
ção veyo a fazer assento na Cidade do Por-  
to; e a outra descendente de Ruy Monteiro,  
Monteiro mór del'Rey D. Affonso Henri-  
ques, a qual igualmente por continuada, e  
illustre descendencia se veyo a entroncar com  
o appellido de Seixas, que pelos seus ser-  
viços se tem feito muy benemerito neste  
Reyno.

Assim como esta estimavel circuns-  
tancia de hum qualificado nascimento faz  
a v. m. muy particularmente merecedor de  
todo o obsequio, assim tambem me habilita  
para poder esperar, que será esta minha  
offerta benignamente aceita; porque he a  
rara virtude da benignidade o mais vivo  
esmalte de hum sangue nobre. Nesta con-  
sideração não faço mais, que rogar a v. m.  
se

se sirva de receber, por mão da sinceridade, este meu obsequio com huma tal benevolencia, que fique eu no conhecimento, que concorrendo no generoso espirito de v. m. com gloriosa emulação todas as virtudes dignas da sua pessoa, não tem benignidade o segundo lugar.

A pessoa de v. m. guarde Deos por felices, e dilatados annos.

Criado de v. m.

Francisco Luiz Ameno.

SER-

1  
In fine the world is a great  
-and for many years the  
-omitted as a result of  
-to be able to change on days  
-and in what direction of



22

SERMAO  
DO  
DESACATO  
DE  
NOSSA SENHORA  
DAS  
MARAVILHAS.

**E**M fim, que chegaraõ a ver nossos olhos a Deos Menino esquartejado! Em fim, que chegaraõ a andar quartos de hum Menino Deos por lugares publicos, como se fossem quartos de hum publico malfeitor! Oh temeridade nunca ouvida, nem imaginada! Dize, demonio, mas naõ se atrevera Satanás a tal acção: dize, bruto, mas reconhecera a seu Senhor hum bruto: dize, homem, que se hum homem aggravara desagrado, e deistinado a Deos: dize, creatura humilde, baixa, neficia, infame, sacrilega, barbara, como te atreveste, como te arrojaste, como te oppuzeste contra aquelle Senhor, cuja Divina fermosura offerece agrados a Deos, gloria aos Anjos, respeito aos demonios, veneração a todas as creaturas? Como entraite neste  
santo

santo Templo, como chegaste áquelle Altar sagrado? Como levantaste o braço, como estendeste a mão? Como roubaste a MARIA o seu Menino, e a nós o nosso Deos? E como, dize, como desfizeste com tuas mãos a Imagem daquelle Artifice Omnipotente, que te fez à sua imagem com as suas? Como quebraste aquelles bracinhos tenros, como fizeste em quartos aquelle corposinho, que o Espirito Santo formou para teu remedio? A teu Deos desprezas, a teu Creador aggravas, a teu Redemptor despedaças? Oh monstro, oh porçento, oh deshonra immortal da geração humana! Maldita seja a noite, que para tanto destroço divino, e humano te fez amiga sombra. Não se veja nella sereno já mais o Ceo, não resplandeçam seus olhos, não pestanejem suas estrelas: ~~at~~atem sua luz em ~~g~~ritadoras lagrimas, e gemidos, pedoto assombro, ou sono eterno as sepulte, horrores densos como sombras mortaes a escureção, desufadas ventanias a inquietem, tempestades ultimas a perturbem: espere a luz do dia seguinte, mas nem veja os primeiros assomos da Aurora: titubee sempre temerdia, vacille errada, e falsee a tanta infidelidade o concerto todo dos celestes Orbes. E vós sejais muy bem achado, meu Deos Menino, que ainda que em pedaços, assim vos amamos, ainda que em quartos, assim vos adoramos: duas vezes vos vio

Isai. 53. 2. Isaias, huma na Cruz desfigurado: *Vidimus Jam: &*  
 Isai. 6. 1. *non erat aspectus*; outra no throno magestoso: *Vidi*  
*Dominum sedentem super solium.* E tanto mais lhe roubastes o coração na Cruz, do que no throno; que na Cruz, e não no throno defejou repetir, e segundar as vistas: *Vidimus, & desideravimus*; porque, como todos vossos desprezos se originem do  
 muito

de N. Senhora das Maravilhas. 3

muito amor, que nos tivestes, pois se este vos não revestira de nossa humanidade, nunca chegarieis a soffrer taõ affrontas descortezias, he certo, que entã estais mais para querido, quando estais por nós mais affrontado. Não se diminue nossa fé com vossos defacatos; assim quebrados, como estaõ, esses bracinhos, nós confessamos, que são braços de hum Menino, que he Deos: assim desbaratado como eita esse corposinho, nós reconhecemos, que he corpo de hum Menino, que he nosso Redemptor.

Este he o caso de minha Oração, todo poderoso Senhor Sacramentado, que agora o horror, e a atrocidade d'elle me ha suspendido. Esta leveza, e coitumada venia à vossa Divina, e Soberana presença; dey principio a esta lastimosa acção sem referir Texto, nem eleger Thema, porque successos grandes não admittem leys commuas; o mesmo succello revirá de Thema, e Texto, nem guardarey mais ordem no dizer, do que dizer sem ordem; porque quando o sentimento deve ser excessivo, ordenallo he diminullo, que na desordem do sentir se manifesta melhor a grandeza da dor. É para que não encarecimento de temeridade taõ estupenda, de laciilegio, taõ barbaro, de permissãõ em vós taõ prodiga, de castigo em nós taõ desgraçado: para que na magoa, e pena de vossa Imagem despresada, de hum Menino Deos offendido, de hum Deos das Maravilhas despedaçado, sejam minhas vozes bramidos, minha eloquencia lagrimas, minha rethorica pasmos, meu sentimento huma furia, minha compaixaõ hum rayo, muito necessito de vossa graça. Mas que peço, se he certo, como diz Bernardo, que todas as vossas communicais pelas mãos de MARIA, como me ha-

veis de comunicar hoje graça, se nesta occasião até MARIA ficou sem mãos? Em fim que me assistais sómente peço.

*AVE MARIA.*

**D**EOS esquarterado, e Deos Menino, e o Ceo sem lutos, e a terra sem palmas! O' creaturas, para quando he o sentimento? Para quando são os assombros? Se à vista de Deos homem em hum Lenho foraõ tão notaveis, e gritadores os sinaes de vossa pena, como agora à vista de Deos Menino em quartos, tão pouca demonstraõ de lastima? Mayor affronta he hum Deos feito em quartos, do que hum Deos posto em Cruz: pois Ceos, se em *Jerusalem* assististes ao menor aggravo com desusadas sombras, como na Bahia attendestes à mayor injuria com as costumadas luzes? Pois terra, se em *Jerusalem* recebeste a Deos morto com quebra, e rompimento de tuas penhas, como na Bahia admittiste a Deos despedaçado com a fermosura de tuas flores? Deixa flores, elemento bruto, e rompe penhas: deixay luzes, esféras inadvertidas, e derramay sombras: mas o certo he, que não o fizestes assim, porque vos não persuadistes, que era o aggravado Deos. Em *Jerusalem* era o morto hum Deos já homem, e a grandeza do corpo fazia possível a temeridade da injuria: na Bahia he o despedaçado hum Deos Menino, e a ternura dos membros faz incrível a atrocidade do feito. Se o Ceo despacha hum Anjo para acudir com agua à sede do menino *Ismael* filho de huma escrava, se a terra dá mansidaõ a huma fera para administrar o sustento ao menino *Cyro*, filho de hum  
homem

Appare-  
cerão os  
quartos  
do Meni-  
no entre  
boninas.

de N. Senhora das Maravilhas. 5

homem ordinario, como se haõ de persuadir terra, e Ceo, que na Bahia se faça em pedaços hum Menino, que he Deos? Tanta impiedade contra hum Deos Menino, e nos braços de MARIA? Ainda que a Bahia fora inferno, e seus habitadores demonios, naõ era imaginavel taõ sacrilego atrevimento. Quando S. Joaõ vio no Ceo a Virgem Senhora, diz que diante della se puzera o demonio em figura de hum dragaõ, desejoso de ensanguentar suas garras no Menino Deos, mas quando? Quando o visse fóra de MARIA: *Ut cum peperisset, devoraret filium ejus*; Apocal. 12. 4. que à sombra de MARIA nem o mesmo demonio se atreve contra Deos Menino. E que se execute na Bahia o que naõ passou pela imaginaçãõ ao demonio? Infeliz Cidade, quem te habita? He possivel, que cabe no coraçãõ humano de teus moradores, o que naõ coubera nos arrojados alentos de Satããs? Mas sim, que contra Deos naõ ha inimigo mayor, que o homem. He cousa notavel, que se deixe Christo levar do demonio pelos ares ao pinnaculo do Templo, e que outra vez em hum monte se escondã, e retire dos Fariseos, porque o queriaõ despenhar. Pois que quer dizer esta ao parecer covardia no monte com tanta demonstraçãõ de valor no deserto? He, que no deserto havia-o com hum demonio, no monte com homens, e julgava Christo, que vay mais seguro nas mãos de hum demonio pelos ares, do que ao lado de homens, a quem tinha obrigado, pela terra. E o successo mostrou bem a razãõ, que tinha Christo, porque das mãos do demonio no deserto sahio com vida, e com honra; das mãos dos homens em Jerusalem sahio sem honra, e sem vida.

Ay Deos da minha alma, e te sahistes melhor da



da companhia de Satanás, do que da companhia dos homens de Jerusaleem, que direy eu hoje, Senhor? Que direy? Que vos estivera melhor a companhia dos demonios do inferno, do que a companhia dos homens da Bahia? Ay meu JESU, não digo tal, porque, se foy hum o que vos desprezou atrevido, são muitos os que vos adoraõ reverentes: com tudo, se hey de fallar conforme aos successos, não ha duvida, que se mal sahistes das mãos dos homens em Jerusaleem, peyor sahistes das mãos dos homens na Bahia. Que vos fizeraõ em Jerusaleem, Senhor? Tiraraõ-vos a vida? Confesso que foy impiedade grande, mas para morrer tinheis nascido homem; porém, Senhor, puzeraõ-vos as mãos algum dia no Templo? Vós mesmo confessastes, que não: *Quotidie apud vos sedebam in Templo docens, & non me tenturistis.* Depois de vos põem em huma Cruz, quebraraõ-vos as pernas, e os braços? Não quebraraõ, testimunha o vosso querido Joaõ: *Non fregerunt ejus cruxq;* lançaraõ vosso cadaver santissimo des-cortezmente nos campos? Não lançaraõ, mas antes permittiraõ-lhe honroso tumulo: *Posuit iudæ in monumento suo novo.* E na Bahia, Senhor, que vos fizeraõ? Valeo-vos o Templo? Nem o Templo, nem o Altar, e o que mais he, nem as mãos de vossa Mãe Santissima vos valeraõ. Perdoaraõ a esse corposinho tenro? Em quatro pedaços o choraraõ desfeito nossos olhos. Recolheraõ em lugar decente esses quartos sagrados? Lançaraõ-nos no campo, onde se costumaõ expor os dos malfeitores. Pois que tem que ver o máo trato de Jerusaleem com os desacatos da Bahia? E alli feitos a hum Deos já homem, aqui a hum Deos Menino; alli entre inimigos,

## de N. Senhora das Maravilhas.

gos, aqui entre Catholicos. Parece-vos, que está melhor a Deos assistir em nossa companhia, do que fiarse das mãos do demonio? Parece-vos, que lhe está melhor hum Templo entre Christãos, do que hum deserto entre feras? Oh temamos, temamos, moradores da Bahia, temamos, e tremamos, que senão nos deixar Deos pela companhia de Satanás, pelo menos assim como tirou a vinha dos de Jerusaleem, porque lhe maltratarão a seu Filho, e a meteo em nossas mãos, assim tambem a poderá tirar de nós para a dar a outros. Oh não o permittais, Senhor, nunca.

Agora dize, homem desatado, que intento tiveste em despedaçar, e fazer em quartos aquelle Menino? Se determinaste, que passasse o agravo a tormento, para isso não era necessario fazello em pedaços; bastava separallo dos braços de MARIA, que ausencias de MARIA são para Christo o mayor tormento. Entraõ S. Mattheos, S. Marcos, e S. Lucas a descrever as penas, que este Senhor padeceo no Calvario, e não faltou opprobrio, que não especificassem as blasfemias dos que passavaõ: *Vah qui destruis templum Dei*; os ludibrios dos que assistiaõ: *Sine, videamus an veniat Elias liberans eum*; os escarneos dos Escribas, e Sacerdotes: *Alios salvos fecit, se ipsum non potest salvum facere*; os improperios do máo ladraõ: *Si tu es Christus, salvum fac te ipsum, e nos*; e finalmente para mayor testemunho do excesso de suas dores relataõ o universal sentimento de todas as creaturas: *Tenebrae factae sunt super universam terram*. E o Evangelista amado chega a referir a Payxaõ, e sómente diz, que Christo deixou a sua Mãe: *Ecce mater tua*. Aqui Ambrosio.

Matth. 27.

40.

Ibid. 49.

Ibid. 42.

Mar. 15.

30.

Matth. 27.

45.

Joan. 19.

17.

brofio. Se Joaõ affiste no mais lastimofoso efpectaculo, que vio o mundo, fe ouve as blasfemias, fe nota os ludibrios, fe attende aos efcarneos, fe efcuta os improperios, fe vê os deſmayos do Sol, fe ouve o eftrondo das pedras, porque o naõ efcreve para explicar as muitas penas de Chriſto? Naõ foy deſcuido, responde Ambroſio, foy cuidado; queria Joaõ encarecer e tubir de ponto o effeſſo da Payxaõ de Chriſto, e para iſſo, como quem tanto ſabia do peito de ſeu Meſtre; achou que naõ havia de dizer, que padecera aggravado, ſenaõ que deixara a ſua Mãy, porque apartarſe de MARIA he taõ vivo ſentimento para ſeu amor, que comparadas aquellas affrontas com eſta auerſaõ, ſó a auerſaõ o laſtimava: *Qui ſua pericula contemnebat, pro Matrem commendabat affectu, quod non otioſe Joannes pluribus proſecutus eſt, alii mundum deſcripſit concuſſum, caelum tenebris obductum, refuſiſſe Solem.*

Agora notay conmigo para mayor abono deſta verdade as palavras do Euangelista, que immediatamente ſe ſeguem. Tanto que Joaõ diſſe, que Chriſto ſe deſpedira de ſua Mãy: *Ecce mater tua*, continua aſſim: *Postea ſciens JESUS quia omnia conſummata ſunt, ut conſummaretur Scriptura, dixit: Sitio*: logo ſabendo o Senhor, que já tudo eſtava acabado, para que ſe cumpriſſem as Eſcrituras, pedio de beber. Notavel modo de fallar do Euangelista! Como póde ſer, que Chriſto deſſe ~~tudo~~ por acabado, fe ainda lhe faltava beber o vinagre? He que para Chriſto a deſpedida de ſua Mãy foy o tudo de ſeus tormentos, e aſſim tanto que ſe vio deſpedido: *Ecce mater tua*, logo avaliou tudo por acabado: *Sciens quia omnia conſummata ſunt.* He verdade, que

Joan. 19.  
27.

Ibid. 28.

Ibid.

de N. Senhora das Maravilhas. 9

que ainda faltava beber o vinagre; mas beber o vinagre sobre ausencias de MARIA já não era padecer, augmentar, e innovar penas, era cumprir Escrituras: *Ut consummaretur Scriptura, dixit: Sitio.* O meu Deos Menino, se o não estorvara a insensibilidade da materia, e a impassibilidade do figurado, que sentimento seria o vosso nesta ausencia? Se na Cruz quando deixaveis vossa Mãe a imperios suaves do Eterno Pay, foy taõ crescida vossa pena, nesta occasiã, quando a deixaveis a violencias tyrannas de hum animo infiel, que pena não fora a vossa? Se deixalla para remir hum mundo foy o tudo de vossa Payxãõ, deixalla, porque vos apartava della hum inimigo, que paixãõ não fora? Pois, homem impio, e cruel, se bastava para o tormento dividillo dos braços de MARIA, como sobre dividido o choramos, despedaçado? Mas o certo he, que fóra dos braços de MARIA não havia de estar menos, que em pedaços, porque menos que feito em pedaços não largara os braços de MARIA. Não cuides, que foy esta impiedade resoluçãõ sómente de teu arrojo, foy tambem mysterio de seu amor.

Vio S. Joãõ em seu Apocalypse a esta Senhora vestida do Sol, calçada da Lua, e coroada de Estrelas, e diz, que dos braços lhe arrebataraõ o filho para o Throno de Deos. *Raptus est filius ejus ad Deum, & ad thronum ejus.* Joan. 12. Mysterioso dizer! Esta voz de raptõ não soa violencia? Sim; pois para onde lhe levaõ ao filho como por força? Para o Ceo; e com violencia? Sim; que hade deixar os braços de MARIA, e acha-se tanto melhor nelles, que no Ceo, que será mister como força para admittir esse Throno, se o haõ de apartar daquelles braços. Não impor-

importa que vá levado para folio da divindade huma vez que he dividir-se de MARIA, só o poderá fazer huma violencia: *Raptus est filius ejus ad Deum, & ad thronum ejus.* E quem para deixar os braços de MARIA pelo Throno de Deos necessitou de força, para deixar esses braços pelo desabrigo de hum campo, que força não padeceria? Só feito em pedaços os largará. Bem está, dirá alguém, que Christo sinta com tanto extremo deixar os braços de sua Mãe; mas, se o sentimento he tanto, como admite assistencia de flores? Flores mais dizem alivio, que pena: pois como o achão entre flores no campo, se sentio muito ~~deixar~~ a MARIA no Templo? Porque entre as mayores razoens de seu sentimento quiz mostrar a grandeza de seu amor. Buscava aquella alma dos Cantares cuidadosamente desvelada a seu Divino Espoço, não ficou fineza, que não obrasse para vêr se o reduzia a que satisfizelle a seu amor com sua presença, e crescendo com o desdem o affecto, cahio desmayada entre os braços de suas amigas, e disse assim: *Fulcite me floribus, quia amore langueo*: Aco-dime, amigas, confortaimé, trazeime humas flores, porque estou enferma de amor: assim considero eu a este Menino Deos nesta occasião. Desde que encarnou, até que morreo, não fez outra cousa mais, que obrar finezas por grangear o amor dos homens: vendo pois agora, que era sua ingratação tal, que em lugar de lhe darem os coraçõens, inefazião em pedaços o corpo, augmentando-se com a má correspondencia seu amor, diria, quando se vio lançado na dura terra: *Fulcite me floribus, quia amore langueo.* Terra, ainda que me despedaçaraõ os homens, não sey que tem os homens comigo, que tanto me roubaõ

roubaõ o coração, acodeme com flores, que assim maltratado estou enfermo de seu amor: oh amante nosso, como não merecia tanta fidalguia trato tão ruim! He possível, que nos amais aggravado, e que vos offendamos queridos? He possível, que nos metais tanto no coração, quando tanto vos lançamos da vontade? Oh quem pagara vosso amor!

Olhay a amorosa condição do nosso Deos: quando eu cuidey, que o achassemos despedindo raios, está elle espalhando flores: parece que como Menino não alcança o aggravo: porque na verdade só em quanto faltara o conhecimento, parece que se podéra achar este descuido; mas o certo he, que conhece a injuria como Deos, e que a desconhece como amante; porque este foy o singular modo, com que seu amor o levou sempre ás penas: levou-o com muito conhecimento, como o podéra levar com muita ignorancia; porque de tal maneira padeceo, e amou sabendo, como podéra padecer, e amar ignorando; e tão estremadas foraõ sempre suas finezas, que com serem finezas de hum amor sem vendas, se podiaõ presumir de hum amor vendado. Nunca reparastes naquella mysteriosa figura do Messias, que Deos mostrou ao Profeta Zacarias? Pois he muito para reparar: *Super lapidem unum septem oculi sunt*: Zach. 3. 9. Mostroume Deos, diz o Profeta, ao seu Verbo humanado em figura de huma pedra cuberta de olhos. Se consultardes a Filosofia, achareis, que se acaso pela Divina Omnipotencia, como he possível, se pozessem olhos em huma pedra, seria como se não fosse, porque tão pouco conhecimento haveria na pedra com os olhos, como ha na pedra sem olhos. Pois se o Verbo he essencialmente a sabedoria do Pay,

que tudo alcança, como se compara a huma pedra com olhos, que nada conhece? Porque esse he o mysterio, que sendo o Verbo a sabedoria do Pay, que tudo alcança, ha de amar aos homens, como se fora huma pedra com olhos, que nada conhece: por quanto de tal modo se ha de portar em seu amor sabendo, como se podéra portar ignorando; e obrando todo revestido de olhos de sabedoria, quaes são os seus, parecerá que obra cuberto de olhos de ignorancia, como seriaõ os de huma pedra: *Super iapidem unum septem oculi sunt*. Não falta o conhecimento a este Menino, mas sobeja-lhe o amor, e o amor de tal sorte lhe embaraça ao parecer o conhecimento, que quando havia de despedir rayos em satisfação do agravo, que conhece, admite flores em testemunho do muito amor, em que arde.

Com isto he facil de responder a quem repara, como soffreo Deos tal injuria, como não arrojou mil rayos, para quando os guarda Deos? A isto he facil, digo, de responder, porque assim offendido está amando; e quem ama offendido como Deos, não tem coraçao para fulminar castigos: não se metaõ os mesmos inimigos pelos rayos de sua justiça, que eu fico, que elle sómente os busque com flores de sua misericordia: *Inveniatur manus tua*, lhe diz David, *omnibus inimicis tuis: dextra tua inveniatur omnes, qui te oderunt*: Vossa mão esquerda, Senhor, seja achada de vossos inimigos, e vossa mão direita ache a quem atrevido vos aborrece. Ponderay a differença dos termos: *Inveniatur*, *inveniatur*: na mão direita diz *inveniatur*, busque, e ache: na mão esquerda diz *inveniatur*, seja buscada, e seja achada: a isto haveis de acrescentar, que a mão direita nas Divinas Letras he a da misericordia, e dos

e dos favores , a esquerda da justiça ; e dos castigos :  
ajuntay agora tudo , e vereis a amorosa condição do  
nosso Deos : a mão direita , Senhor , a de vossa pieda-  
de say a buscar , e ache aos inimigos para lhes fazer  
bem , e perdoar os aggravos : *Inveniat* , porém a es-  
querda , a de vossa justiça seja achada dos inimigos ,  
metaõ-se elles meimos por ella , naõ os ache ella a  
elles. E que sendo esta a natureza deste Menino , e  
Senhor , houvesse homem taõ insolentemente barba-  
ro , que o fizesse em pedaços ! Oh fera racional , oh  
Herostrato mais infame , pois ao mais sagrado Altar  
perdeste o respeito ! Que descrepã das à tua temerida-  
de ? Sem duvida assim o temo , que duvidavas rebelde  
de sua divindade ; porque naõ imagino , que te viera  
ao pensamento reconhecello por Deos , e arrojarte a  
tal aggravo. Pois , barbaro , se o achaste nos braços  
de MARIA , como pôdes duvidar de sua divindade ?  
Confessas , que he esta Senhora MARIA ? Dizem-te  
aquelles braços , que este Menino he seu Filho ? Pois  
se he Filho de MARIA , quem na de ser senaõ Deos ?  
Ou lhe nega o nome a ella , ou naõ lhe negues a di-  
vidade a elle : que he tanto como essencial ao nome  
de MARIA huma filhação Divina , que naõ se com-  
padece com filhação puramente humana. MARIA ,  
e Mãe de Deos , isso sim ; MARIA , e Mãe sómen-  
te de homem , isso naõ.

Rendia já Christo o espirito à morte , quando  
cuidoso do alivio de sua Mãe lhe deixa a Joaõ por  
filho : *Mulier , ecce filius tuus* : naõ reparo no substi-  
tuto , que se alguém , só era Joaõ para supprir as au-  
fencias do Verbo ; no nome , com que falla a sua Mãe ,  
reparo : *Mulier* , mulher ! Mysteriosa sequidaõ ! Se-  
nhor , naõ acertais com o nome a vossa Mãe ? Tanto  
vos



vos tem soçobrado as penas o conhecimento, que não conheceis a esta mulher? He certo que a conheceis, porque não se dá caso, em que vos esqueçais do nome de vossa Mãe. Pois porque lhe chamais mulher, e não MARIA? Varias razões se me offereciaõ sobre este silencio do nome de MARIA. A primeira, porque como Christo morria com tanta sede de padecer pelos homens, não quiz tomar na boca o santissimo nome de sua Mãe por não adoçar com tanto mar de gostos tanto diluvio de penas. A segunda, porque lhe tinha amargado a boca com o fel, e não dizia bem a suavidade de tal nome em beijos amargos, ainda que beijos de Deos. Porém nenhuma destas figo por agora: sabem porque não lhe chamou MARIA? Porque lhe dava a João por filho: era João puro homem, e repugna tanto MARIA com filho, que não seja Deos, que para João a lograr por mãe, não se ha de considerar como MARIA, ha-se de considerar como mulher: *Mulier, ecce filius tuus*: MARIA como mulher poderá ter a João por filho, MARIA como MARIA só tem por filho a Deos: logo se esta Senhora he MARIA, como não podes negar, e aquelle Menino he seu filho, como o dizem aquelles braços; Deos he aquelle Menino, e se Deos, como te atreveste a despedaçallo, como te resolveste a offendello, como o tiraste daquellas mãos para o arrojares em hum campo? E porque me não fujas, não sómente he para estranhar este desacato de tua malicia por ser feito a hum Menino, que he Filho de Deos, senão tambem por ser feito a hum Menino, que he Filho de MARIA. Quando este Menino não fora Filho de Deos, como he, bastava ser Filho de MARIA, para te não arrojares a aggravallo. Antes eu queria imaginar, que me-  
nos

nos se compadecia este desprezo com Christo Filho de MARIA, do que com Christo Filho de Deos. Dá-me fundamento a esta imaginação o mesmo Christo: tornemos á Cruz: *Mulier, ecce filius tuus*: já reparámos porque lhe não chamou MARIA, agora reparo porque lhe não chamou Mãy. E fundo o reparo, em que fallando na mesma occasião com seu Eterno Padre, lhe chamou huma, e outra vez Pay: *Pater, ignosce illis: Pater, in manus tuas commendo spiritum meum*. Pois a Deos Pay: *Pater*, e a MARIA mulher: *Mulier*? Que he isto, Senhor? A MARIA negais o titulo de Mãy, quando repetidamente dais a Deos o titulo de Pay? Sim, ora notem. Levantava Christo os olhos ao Ceo, via-se que era Filho de Deos: voltava-os à terra, conhecia-se que era Filho de MARIA; punha-os logo em si, achava-se pregado em hum madeiro, aberto a açoutes, descomposto a injurias, e como se conviêsse melhor tanto defacato com hum Filho de Deos, do que com hum Filho de MARIA, que fez? Quando houve de fallar com Deos, chamoulhe Pay, quando houve de fallar com MARIA, não lhe chamou Mãy: affrontas, e Filho de Deos, dizia Christo, avante: *Pater*, mas affrontas, e Filho de MARIA? Isso não soffre o meu affecto: *Mulier*. Se a infamia do supplicio de hum filho se refunde de alguma sorte nos pays; saiba embora o mundo, que tem Deos hum Filho crucificado; mas não saiba o mundo, que está crucificado hum Filho de MARIA.

Pois, homem infame, já que não respeitaste a este Menino por ser Filho de Deos, como te atreveste a injuriallo, sendo Filho de MARIA? Se o achaste em seus braços, como pudeste injuriallo com tuas mãos? Andou este Senhor a negarlhe o nome de Mãy

na Cruz, porque não se presumisse, que convinha huma Cruz a hum Filho de MARIA, e agora quando na assistencia d'quelles braços mostrava claramente, que era Filho seu, agora te arrojás a desprezallo, agora te despenhas a offendello? Mas como havia de respeitar ao Filho quem não teve respeito à Mãe? Confesso, que quando aqui cheguey, estive para largar a penna, e remetter tudo ao silencio, e à consideração. Pouco satisfeito este primogenito de Satanás com fazer em quartos ao Menino Deos, torna a este santo Templo, chega segunda vez áquelle Altar sagrado: homem perdido, que intentas? Reprime esse braço, não levantes essa mão; mas ay de mim, fieis, e ay de vós, que nos deixa a MARIA sem mãos este sacrilego! Oh detemte, barbaro, pára, espera, he possivel, que nos levas a medicina de nossos males? Oh tyranno! O favor em nossos perigõs? Oh cruel! O amparo em nossas miserias? Oh traidor! O soccorro em nossos trabalhos? Oh monstro deshumano! MARIA sem mãos, que ha de ser de nós? Que o Verbo eterno quando encarnou fizesse reverencia, como diz Santo Hilario, ao claustro virginal desta Senhora: *Sinum Virginis inviolabiliter pertransiit, sicut reverenter intraivit*; e que huma creatura vil se atreva a perder o decoro a suas mãos sagradas? Anjo percuciente, que degollastes huma noite em beneficio de ingratos os primogenitos todos do Egypto, e tu vencedor inevitavel, que em outra mataste a ferro cento e oitenta e cinco mil homens do campo de Sennacherib, hum só homem he o que loucamente atrevido faltou à veneração de MARIA. Para quando são as espadas, aonde tendes as mãos? E vós, Senhor Omnipotente, como soffreis, que vos toquem em vossa Mãe? MARIA injuriada,

iuriada, e vós soffrido? Se matastes repentinamente ao Sacerdote Oza, porque ainda que ao parecer obsequioso, com tudo temerariamente precipitado lançou a mão à Arca, como suspendestes o castigo contra este monstro humano, que sobre malicioso insolente poz as mãos na viva Arca de vossa Mãe Santissima? Taõ pouco vos tocaõ os aggravos de MARIA? Taõ pouco vos irritaõ os desprezos desta Senhora? Mas não cuides, Herostrato mais infame, não cuides, que por não sentires o golpe, te faltou o castigo: castigado estás, e rigorosamente castigado: tu mesmo foste o instrumento de teu supplicio, pois te privaste das mãos de MARIA: que ha de ser de ti sem as mãos desta Senhora? Por aquellas mãos communica o Ceo suas graças: que tens que esperar do Ceo, se te privaste daquellas mãos? Se offenderas sómente ao Filho, tinhas para te amparar a Mãe, mas a Mãe offendida, oh como te temo! Mas, Senhor, mas, Senhor, aonde está aquella providencia singular, com que sempre attendestes à honra de vossa Mãe? Não chegastes a nascer della despojada, porque vendo-a solteira, e com filho, não presumisse o Mundo mal de sua honestidade, e isto tanto à custa de vossa reputação, que vos tratou o Mundo como filho de hum Carpinteiro? Pois como se acha agora em vós permissão taõ prodiga, que lhe chegaõ a pôr os homens despejadamente as mãos? Ora eu venho a imaginar, que esta permissão de Deos teve muito de condescendencia com os affectos da Virgem. Fundome em huma circumstancia, que houve neste caso, e he que as mãos não se tiraraõ à Senhora no mesmo dia, em que se lhe tirou o Menino; o Menino faltou a terça, e as mãos à quinta. Pois porque não permit-

tio o

tio o Ceo, que com o Menino levassem as mãos à Senhora? Porque mais depois, que logo? Não permitto, que lhe tirassem logo as mãos, porque não queria, que lhe tocassem em sua Mãe: mas permitto, que lhas tirassem depois, porque não soffria o coração à Senhora verse com mãos, e sem o seu Menino. Deos, e Filho meu, dizia a Senhora, vós em pedaços, o eu com mãos? Como se compadece isto com meu amor? Destas mãos vos tiraraõ, e ainda que largaros não foy tibieza sua, senão permissaõ vossa, com tudo não me estassem bem humas mãos, que não tiveraõ maõ em vós: passem as mãos de huma creatura pelos opprobrios, que passa o corpo do Creator: que se o anõr, que me tendes, não permite aggravos, o amor, que vos tenho, não consente, que se-jais só nos aggravos. Vós no-campo, e eu no Templo? Vós abatido, e eu respeitada? Vós em pedaços sóra das minhas mãos, e eu com mãos sem estarem em pedaços? Não se faça tal aggravo a meu affecto, minha doce prenda; bastaõ tres dias de respeito, que concedestes a vosso amor; permitti agora se quer hum dia de ludibrio à minha fineza. Tirem-se estas mãos, pois não assistis nellas: lancem-se por terra, pois vós estais no campo; quebrem-se seus dedos, pois vosso corpo está em quartos. Assim considero eu, que batalhava a Senhora por parte de seu amor contra o amor de seu Filho, e obrigado este sem duvida de razões tão amorosas permitto, que tirassem as mãos a sua Mãe. Satisfeita está vossa fineza, Senhora, porque sem mãos ficastes, mas muito lastimado nosso amor, porque ficastes sem mãos: em perdas de hum Deos, que bem nos ficava, senão essas mãos? Não sey eu porque nesta occasiaõ deva ser mayor nosso  
sentimen-

sentimento, se por perdermos vossas mãos, se por perdermos vosso Filho? Acudaõ-me nesta piedosa perplexidade os Anjos.

Quando Christo se ausentava dos homens para o Ceo em sua Ascensãõ, diz o Profeta Isaias, que diziaõ os Anjos assim: *Quis est iste, qui venit de Edom, tinctis vestibus de Bosra?* Isai. 63. 1 Quem he este, que vem das famosas Cidades de Edom, e de Bosra? Quando a Senhora em sua Assumpção se partia de nós para o Ceo, diz o Espirito Santo nos Cantares, que diziaõ assim os Anjos: *Que est ista, que ascendit de deserto?* Cantic. 6. Quem he esta, que sobe do deserto? Não sey se estais na duvida. A partida de Christo, quem he este que vem das Cidades; a partida de MARIA, quem he esta, que vem do deserto? O Mundo não era o lugar, donde Christo, e MARIA se ausentavaõ? Sim; pois se na ausencia de Christo ficava o Mundo hum povoado, como na ausencia de MARIA fica hum deserto o Mundo? Ahi vereis, o que são ausencias desta Senhora. Na partida de Christo ainda o Mundo parecia Mundo, porém na partida de MARIA já o Mundo he hum deserto: *Que est ista, que ascendit de deserto?* Ay fieis, perdoaime, que não me cabe nas palavras o sentimento: o Mundo sem Christo he Mundo, o Mundo sem MARIA he deserto. Oh Bahia! Oh deserto! Parece-me que tenho satisfeito, quanto a brevidade do tempo deo lugar, ás circumstancias deste grande caso. Sim, mas o titulo das Maravilhas? Satisfeito está o agravo, que se fez a Deos, e à Senhora, mas não está satisfeito o agravo, que se fez a Deos, e á Senhora das Maravilhas. Confesso, que não falley nesta circumstancia, e tambem confesso, que a deixey: porque julgo que este defacato mais serve de

E

credito,

credito, que de menoscabo ao titulo das Maravilhas. A mayor prova, o mayor Texto de ser aquelle Menino Deos, e aquella Virgem Senhora das Maravilhas he esta injuria. E fenaõ dizeime: Que razaõ tiveraõ os Fariseos para dizerem a Christo, que tinha pacto com Beelzebub? Lançar os demonios dos corpos: *Hic non ejicit demones, nisi in Beelzebub principe demoniorum.* Que razaõ teve o Mundo para se escandalizar de Christo? Dar vista a cegos, pés a coixos, vida a mortos: *Ceci vident, claudi ambulant, leprosi mundantur, &c.* Que razaõ tiveraõ os de Jerusaleem para pôr a Christo em huma Cruz? Fazer muitos milagres: *Quid facimus, quia hic homo multa signa facit:* de sorte, que em Judea os vituperios de Christo nasce- raõ de suas maravilhas: foy Christo vituperado, por- que era milagroso. Assim logo a insolencia deste opprobrio não desfaz na grandeza daquelle titulo, an- tes o titulo das Maravilhas se confirma com a inso- lencia do opprobrio: se Christo em Judea não fizera milagres, poderá ser, que não morresse Christo, se aquella Virgem na Bahia não fora fonte perenne de maravilhas, poderá ser, que não fosse desprezada aquella imagem: que não sey em que nos offendem as maravilhas de Deos, que tanto nos offendemos de Deos das Maravilhas. Se todas as maravilhas deste Senhor são em beneficio dos homens, e que tire Deos offensas donde havia de esperar serviços, terrivel acha- que da natureza humana! Acabado o diluvio, entrou Deos a focagar aos mortaes dos temores de outro, e em final de sua amizade, que com elles contrahia, lhes assignou o arco celeste, em que muitas vezes adverti- mos: *Arcum meum ponam in nubibus, & erit signum fœderis inter me, & inter terram.* Grande favor do Ceo,

Matth. 12.  
24.

Joan. 11.  
47.

Genel. 9.  
13.

Ceó, mas estranho final! Hum arco, e esse o do Ceó? Não achou Deos outra cousa no Universo para final de hum beneficio, que fazia aos homens, logo houve de fer o arco do Ceó? Sim, que para favores, que Deos faz aos homens, não ha mais accomodado final. O arco, como sabeis, serve para despedir settas: o arco celeste, se bem notais, tem as pontas viradas para a terra, e o meyo arqueado contra o Ceó: escolhe pois o Senhor o arco do Ceó em final de hum favor, que concede aos homens, porque qualquer graça, que Deos nos faz, he hum arco, que contra si nos offerece. Taõ desgraçados são os beneficios de Deos, que sabendo de suas mãos favores para nós, em chegando ás nossas, ficam armas contra Deos. E comõ isto assim seja, não ha que suspeitar servio este aggravo de diminuir o titulo das Maravilhas, antes à vista do excessõ d'elle se manifesta melhor o excessõ dellas.

E prove melhor Author este meu juizo: quem será? JESU Christo sacramentado. Se perguntarmos a David, que nome tem Christo no Sacramento, respondermosha, que seu nome no Sacramento he Deos das maravilhas: *Mirabilium suorum misericors, & miserator Dominus escam dedit timentibus se.* Psal. 110.  
4. 5. Pois com titulo das maravilhas sahe Christo a publico, quando está desprezada a sua imagem das Maravilhas? Sim; que está taõ fóra esse desprezo de menoscabar áquelle titulo, que se dá Christo por obrigado a vir a publico com o titulo, quando adverte na sua imagem o desprezo. Como se dissera Christo: Se imagina o mundo, que o nome das Maravilhas padeceo deslustre nos defacatos daquella imagem, saiba, que nunca aquella imagem pareceo mais propriamente imagem das Maravilhas, e por isso quando parece, que havia



de vir em huma Cruz com a demonstração affrontosa de injuriado, venho no Sacramento com o glorioso título de Senhor das Maravilhas: *Mirabilium suorum misericors, & miserator Dominus escam dedit timen- tibus se.* Atéqui o successo, que choramos: o que agora nos toca cuidar a todos, he saber, porque per- mitte Deos casos tão exorbitantes, como este? Huma das razoens, conforme apontaõ os Santos, he querer Deos ameaçar como em profecia a carga de grandes castigos. Isto he verdade, fieis, não he figura de ora- ção, nem affecto de doutrina. Christo o disse expref- samente na abominação da resolução, que profetizou Daniel, os Santos o repetem, os escritos sagrados, e profanos o mostraõ, e as experiencias o confirmaõ. E eu sobre castigos de necessidades, perturbaçoens, guerras, fomes, e pestes não sey, que temo, ouvime. He certo, que as heresias de Arrio foraõ as que rasga- raõ a tunica inconsutil de Christo, bem assim como com o pedaço da capa de Martinho dada ao pobre se cubrio Christo, como se fosse capa inteira: assim com as heresias de Arrio forjadas no fogo da ambição mol- trou o mesmo Senhor rasgadas as suas vestiduras, ou mostraraõ aquellas rasgaduras a resultancia daquellas heresias. Pois, fieis, se a vestidura de Christo rasga- da prognosticava a introdução de novas heresias, que prognosticará o corpo do mesmo Christo despedaça- do? Quem nos despedaça hoje a Christo, a manhãa nos derrubará os templos: ainda mal, que tanto fun- damento ha para o temermos assim! Por onde come- çaraõ as heresias de França, Inglaterra, Flandres, e Alemanha? Pelo desprezo do Ecclesiastico. Pois on- de está mais atropellada a authoridade Ecclesiastica, que na Bahia? Magistrados, Tribunaes, Juizes secula- res.

res, não me ouçais a mim, ouvi a Deos no capitulo 45. de Ezechiel fallando com os Principes, e Monarcas de Israel: *Separate confinia vestra à populo meo.* <sup>Ezech. 49.</sup> Reys, diz o Senhor, Reys, não vos intromettais na jurisdicção dos meus Sacerdotes, que os Sacerdotes são o povo particularmente de Deos. Nem ás Purpuras he permittido introduzirse nas couças, que tocam ao Ecclesiastico, quanto mais ás Becas, e ás Varas. Respeitemos todos submissamente, Catholicos, à Igreja, que desestimalla a ella he dar occasião a que se ponhaõ as mãos atrevidamente em Christo.

Permitte tambem o Senhor semelhantes desaforos em demonstraçoõ de graves peccados, com que os homens o offendem. Quando Deos quize mostrar a multidaõ, e graveza dos peccados do Mundo todo, permittio, que pozessem a seu Filho em huma Cruz: *Mortuus est propter delicta nostra.* Oh quantas, e <sup>Isai. 53. 5<sup>o</sup></sup> quaõ grandes devem ser as culpas da Bahia, pois em significação dellas permite Deos, não que lhe ponhaõ a seu Filho em huma Cruz, mas que lhe fação em pedaços a seu Filho! Fieis, por aquelle Senhor Sacramentado, cujo zelo me incita, cujo espirito me arrasta, que não vos escandalizeis de minhas palavras: quando se perde o respeito a Deos, não he bem, que eu guarde respeito aos homens: e vós, Senhor, assisti com vossa graça a vosso Ministro, bem sey, que o mayor peccador, por cujas culpas permittistes taõ temerario desfacato em vossa imagem, he este indigno filho da vossa Companhia de JESUS; mas tambem não ignorais, que comprara eu este desprezo vosso com perda de minha propria vida, e que antes estimara verme a mim nas grelhas de hum Lourenço em Roma, do que vervos a vós em quartos na Bahia: já que vos dignastes

Ezech. 9.  
6 1. 6.

dignastes de que eu hoje subisse a este lugar, darme vossa graça outra vez, purifique estes beiços alguma braza desse Altar soberano, e dizeime por onde hey de começar a estranhar voilas offensas: *A' Sanctuario meo incipite.* Pelo vosso Santuario, Senhor? Sim: *Putasne, vides tu quid isti faciunt abominationes magnas, ut p̄ocul recedam à Sanctuario meo?* Não vês as grandes abominaçoens, que estes fazem, pelas quaes me dey por obrigado a retirarme do meu Altar? Vejo, Senhor, vejo que são tão publicas, que não se ouvem, vemse. He possivel, que ha de haver Ecclesiastico tão pouco advertido, por não dizer tão profano, que pela mesma boca, por onde pronuncia as palavras santissimas da cōsagração, lance a jactancia de seu peccado? Não basta offender a Deos, senão gloriarme de que o offendi, e isso hum Sacerdote? Oh abominação horrenda! He possivel, que os salarios, e as rendas do Altar se haõ de gastar, não em ornato dos templos de JESU Christo, mas em atavios, e enfeites do mesmo demonio? Que ha de haver Ecclesiastico, que sirva de escandalo aos seculares? Que ha de escusar o secular sua lascivia com as demasias do Ecclesiastico? Oh abominação infernal! He possivel, que depois de passar a noite, em que? hey de ir a tomar a JESU Christo em minhas mãos? Oh abominação digna de lagrimas de sangue! E entãõ queremos, que não permita Deos o desprezem, e tirem dos nossos templos? Retiraivos, Senhor, ausentaivos, meu Deos Menino, antes em hum campo, do que em taes altares, antes despedaçado por hum sacrilego, do que consagrado por taes bocas, antes em quartos, que em taes mãos. Por reverencia de Deos, senhores, a quem pertence o exame de semelhantes cousas, que se faça nisto alguma diligencia,

gencia, não permittais, que pelos desmanchos tal vez de hum, ou dous Ecclesiasticos seja desauthorizado, e pouco venerado universalmente o Sacerdocio: adverti, que choraõ muitos estas demasias, e que as murmuraõ todos. E vós, Senhor Omnipotente, se não bastar este aviso moderado, que da vossa parte lhes dou, passay de misericordioso a justo: temão-vos rigoroso, já que vos não estimaõ benigno: para semelhantes ministros he hum inferno: destrui, assola, desbaratay, pereçaõ tantos Ozas inadvertidos, e temerarios.

Mas se dentro no vosso Santuario achais, que reprehender, que será do Santuario por fora? *Civitas* <sup>Fzech. 9.</sup> *repleta est aversione*, toda a Cidade me têm dado as costas. Oh que justamente o dizeis, Senhor, porque desde os mais aos menos, desde a nobreza ao vulgo não ha na Bahia mais trato, que offendervos: a pezo de ouro se compraõ vossos aggravos, como se foraõ preciosa mercancia, e isso com taõ pouco pejo, que publicaõ jaçtanciosos seu emprego. Oh vergonha de homens homens, quanto mais de homens Catholicos! Pedevos hum pobre, que acudais a seu remedio por amor de Deos, e não ha remedio para o pobre: pedevos a occasiaõ da torpeza a galla custosa por amor do demonio, e he pouco todo o custo para a galla; oh grande miseria nossa! He possivel, que valha mais para comnosco hum por amor do demonio, do que hum por amor de Deos? Fieis, que mal vos tem feito JESU Christo, que com tanto cuidado andais a comprar as suas offensas? Não he vosso Deos? Não morreo por vos salvar em hum madeiro? Pois estas finezas pagaõ-se com tanta ingratitude? Olhay, que o dano todo ha de ser nosso, que Deos de tudo ha de tirar gloria,

Ezech. 9.  
6. 8. 0.

dignastes de que eu hoje subisse a este lugar, daine vossa graça outra vez, purifique estes beiços alguma braza desse Altar soberano, e dizeime por onde hey de começar a estranhar voitas offensas: *A Sanctuario meo incipite.* Pelo vosso Santuario, Senhor? Sim: *Putasne, vides tu quid isti faciunt abominationes magnas, ut procul recedam à Sanctuario meo?* Não vês as grandes abominaçoens, que estes fazem, pelas quaes me dey por obrigado a retirarme do meu Altar? Vejo, Senhor, vejo que são tão publicas, que não se ouvem, vemse. He possivel, que ha de haver Ecclesiastico tão pouco advertido, por não dizer tão profano, que pela mesma boca, por onde pronuncia as palavras santissimas da cōsagração, lance a jaectancia de seu peccado? Não basta offender a Deos, senão gloriarme de que o offendi, e isso hum Sacerdote? Oh abominação horrenda! He possivel, que os salarios, e as rendas do Altar se haõ de gastar, não em ornato dos templos de JESU Christo, mas em atavios, e enfeites do mesmo demonio? Que ha de haver Ecclesiastico, que sirva de escandalo aos seculares? Que ha de escusar o secular sua lateivia com as demasias do Ecclesiastico? Oh abominação infernal! He possivel, que depois de passar a noite, em que? hey de ir a tomar a JESU Christo em minhas mãos? Oh abominação digna de lagrimas de sangue! E entãõ queremos, que não permita Deos o desprezem, e tirem dos nossos templos? Retiraivos, Senhor, ausentaivos, meu Deos Menino, antes em hum campo, do que em taes altares, antes despedaçado por hum sacrilego, do que confagrado por taes bocas, antes em quartos, que em taes mãos. Por reverencia de Deos, senhores, a quem pertence o exame de semelhantes cousas, que se faça nisto alguma diligencia,

gencia, não permittais, que pelos desmanchos tal vez de hum, ou dous Ecclesiasticos seja defauthorizado, e pouco venerado univversalmente o Sacerdocio: adverti, que choraõ muitos estas demasias, e que as murmuraõ todos. E vós, Senhor Omnipotente, lenão bastar este aviso moderado, que da vossa parte lhes dou, passay de misericordioso a justo: temão-vos rigoroso, já que vos não estimaõ benigno: para semelhantes ministros he hum inferno: destrui, assolay, desbaratay, pereçaõ tantos Ozas inadvertidos, e temerarios.

Mas se dentro no vosso Santuario achais, que reprehender, que será do Santuario por fora? *Civitas* <sup>zech. 9.</sup> *repleta est aversione*, toda a Cidade me tem dado as costas. Oh que justamente o dizeis, Senhor, porque desde os mais aos menos, desde a nobreza ao vulgo não ha na Bahia mais trato, que offendervos: a pezo de ouro se compraõ vossos agravos, como se foraõ preciosa mercancia, e isso com taõ pouco pejo, que publicaõ jaçtanciosos seu emprego. Oh vergonha de homens homens, quanto mais de homens Catholicos! Pedevos hum pobre, que acudais a seu remedio por amor de Deos, e não ha remedio para o pobre: pedevos a occasiaõ da torpeza a galla custosa por amor do demonio, e he pouco todo o custo para a galla; oh grande miseria nossa! He possivel, que valha mais para comnosco hum por amor do demonio, do que hum por amor de Deos? Fieis, que mal vos tem feito JESU Christo, que com tanto cuidado andais a comprar as suas offensas? Não he vosso Deos? Não morreo por vos salvar em hum madeiro? Pois estas finezas pagaõ-se com tanta ingraticidaõ? Olhay, que o dano todo ha de ser nosso, que Deos de tudo ha de tirar gloria,

gloria, e perguntay-o a David: *Dixit injustus ut delinquat in semet ipsum.* O máo tratou de peccar, e peccou contra si; contra si, Profeta Rey? Contra Deos, cuidava eu. Esse he o nosso engano, que imaginamos, que peccamos contra Deos, e peccamos contra nós. O peccado he como o parto da vibora: o parto da vibora, como dizem os Naturaes, rasga as entranhas da mãy, que o pare: o peccado damnifica a mesma alma, que o executa. Desaggravo chamais a esta solemnidade, e temo muito, que não soubermos hoje desaggravar ao Menino Deos. Quantos dirieis esta manhã: Vamos ver a Sé, e correr as ruas, que estão o melhor do Mundo, e que poucos haverião, que dissessem: Vamos a confessarnos a hum Convento! Não succeda outra cousa tal a Deos Menino. Pois isto he desaggravar a Deos? Se hoje se commettesse nesta Cidade o mais leve peccado mortal, e ainda mal, que tantos, e tão graves se commetterião, que importaõ todos estes apparatus para o desaggravo de Christo? Todo este aceyo seria luto, esta magnificencia pompa de enterro, aquellas luzes fogo, que pomos a Deos para reduzir a cinzas o immortal de seu fer. Vossas festas, vossos sabbados, dizia Deos por hum Profeta aos Hebreos, são mentirosas, e na verdade me molestaõ. Oh queira elle, que não possa dizer, que nossas satisfaçoens o offendem, e nossos desaggravos o affrontaõ, mas sim queira, que lhe agrade os nossos desaggravos, e que sejaõ verdadeiras as nossas satisfaçoens, para que em premio dellas nos faça participantes da sua gloria, *ad quam, &c.*

LAUS DEO. ✠

